



DIALOGANDO COM GRACILIANO RAMOS: ENTREVISTAS, ENQUETES, DEPOIMENTOS E CAUSOS DO ESCRITOR ALAGOANO.

Jeferson Augusto da CRUZ¹

LEBENSZTAYN, Ieda. SALLA, Thiago Mio. (Orgs.). *Conversas: Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

Não é tarefa fácil realizar resenhas sobre determinados livros, principalmente quando eles são fragmentos de informações sobre tema, lugar, acontecimento ou personagem específico. No entanto, quando a obra tem como análise a trajetória de um intelectual renomado, essa tarefa se torna interessante. É nesse contexto que nos é apresentado o livro “*Conversas: Graciliano Ramos*” sob a organização de Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla. A referida obra pode ser considerada uma “colcha de retalhos” da vida do escritor alagoano, pois foi constituída através de entrevistas e outros textos contidos em jornais e que foram concedidas/elaborados por Graciliano.

Nascido na cidade alagoana de Quebrangulo em 27 de outubro de 1892 e falecido na então Capital Federal, Rio de Janeiro, em 20 de março de 1953, provinha de uma numerosa família de classe média do sertão nordestino sendo o primeiro de dezesseis irmãos. Durante sua vida, viveu em algumas cidades de Alagoas e Pernambuco, porém terminou o ensino médio em Maceió, de onde partiu para o Rio de Janeiro.

Devido a morte de alguns familiares, retorna a Alagoas em 1915 e inicia atividades comerciais ao lado do pai na cidade de Palmeira dos Índios, tornando-se prefeito do município em 1927. Por conta dos relatórios feitos durante a sua gestão, é instigado a publicar o seu primeiro livro intitulado *Caetés*, em 1933. Já em Maceió trabalhou no diretor da imprensa oficial. Após a publicação de *Vidas Secas* (1938), estabeleceu residência no Rio de Janeiro onde filia-se ao partido comunista. Realizou viagens a países europeus, a exemplo da antiga URSS, relatadas na obra póstuma *Viagem*, de 1954. Por fim, falece em 1953, aos 60 anos, vítima de um câncer de pulmão.

¹Graduado em História pela Faculdade José Augusto Viera (FJAV), graduando em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Mestrando em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: duquejeferson@yahoo.com.br



Durante sua vida teve onze livros publicados e outros onze foram apresentados no seu *post-mortem*, concomitantemente foi laureado com diversos prêmios entre eles destacamos o prêmio Lima Barreto (Revista Acadêmica) com a obra *Angústia* (1936), prêmio Literatura infanto-juvenil (Ministério da Educação) com *A Terra dos Meninos Pelados*(1939), entre outros antes e depois de sua morte.

Através desta resumida biografia, podemos perceber o quanto Graciliano Ramos foi um renomado escritor, autor de um número considerável de títulos, como também traduziu alguns para o português, exemplo de *Memórias de um Negro*, de Booker T. Washington. No entanto, era um homem avesso a bate-papos, que poderia ser uma herança da “educação sertaneja em casa e também na escola, numa terra de ‘professores analfabetos’, vedava com angústia a fala e a leitura” (p. 17).

No entanto, a sua habilidade com a escrita demonstrou que para ele, escrever era uma forma de partilhar com outros a sua fala solitária, um método de difundir suas inconformidades presentes em diversos textos jornalísticos e, até mesmo, em suas obras. Logo, podemos perceber o quanto sua “voz” se fez ouvir através de seus escritos.

O ambiente escolhido pelos autores, para termos essa *Conversa* com Graciliano Ramos, é a livraria José Olympio que foi fundada em São Paulo em 1931, muda-se para o Rio de Janeiro em 1934, pois além de ser a capital da República, era o reduto de diversos intelectuais da época. Acreditamos que por conta disso os textos utilizados na obra são do período que vai de 1930 a 1940.

A primeira parte do livro é dedicada às entrevistas realizadas com Graciliano Ramos, elas serviram como uma porta de entrada para um mergulho na fala do escritor e, ao mesmo tempo, há um constante foco na vida do mesmo que podemos captar na leitura dessas entrevistas, a exemplo da que foi realizada pelo jornalista José Condé, do Jornal *O Cruzeiro* em 1939 (p. 81), onde nos é elencado partes da vida familiar do escritor, ao mesmo tempo encontraremos dados sobre suas primeiras obras publicadas.

Nas Enquetes e Depoimentos, segunda parte da obra, encontraremos diversos textos em que Graciliano Ramos tece comentários sobre assuntos voltados para a literatura, política, economia, poesia, situação mundial na época, entre outros. Podemos aqui destacar um trecho do depoimento intitulado *De Graciliano Ramos* de 1937 (p. 281), perguntado se considerava Machado de Assis um exemplo de genialidade, o escritor respondeu:



Certamente que não. Justifica-se esse meu ponto de vista por uma questão de educação literária, quando não fosse por um imperativo de temperamento. Meu espírito se formou numa ambiência de distância de riso claro e vivo, como o de Anatole France. Ademais, o que mais me distancia de Machado de Assis é o seu medo de definir-se, a ausência completa de coragem de uma atitude. O escritor tem que o dever de refletir a sua época e iluminá-la ao mesmo tempo. Machado de Assis não foi assim. Trabalhando a língua como nenhum, poderia ter feito uma obra transitável às ideias. Como vê ainda é o amor à França discordar da maioria dos homens cultos do Brasil: não amo Machado de Assis. Entretanto, releio Eça de Queirós, pelo que me transmite, harmoniosamente, do espírito francês (p. 283).

É perceptível no depoimento acima uma certa rejeição aos trabalhos de Machado de Assis, no entanto Graciliano Ramos aponta particularidades na formação do seu espírito literário que, segundo ele, destoa completamente do outro escritor. Ele compara essa formação com a do escritor francês Anatole France, no entanto no depoimento intitulado *Qual a influência de Anatole France na literatura brasileira?* concedido na José Olympio, ao jornalista Melchisedech Aires da Cruz em 1944, o escritor relatou:

Não creio em qualquer influência decisiva desse escritor francês em nossos homens de letras. Penso mesmo que não é tão lido como se ao supõe. Disto tenho tido provas, repetidas vezes, o realizar “enquetes” imprevistas, em palestras com alguns (p. 301)

Graciliano Ramos tinha uma predileção pela França, por isso que compara a sua formação com a do escritor francês, mostrando que o mesmo não é muito difundido no Brasil. Através disto, percebemos que ele pode ser uma exceção entre outros escritores, que não tinham Anatole France como ponto norteador e que muito menos liam suas obras.

Na última parte do livro encontramos alguns *Causos* sobre o escritor alagoano. São situações que foram descortinadas por pessoas que faziam parte do convívio intelectual de Graciliano Ramos, que eram notáveis admiradores do mesmo ou que com ele viveram diversas situações.

Tais acontecimentos ficaram presentes nas memórias dessas pessoas que mais tarde foram divulgados em periódicos diversos. Podemos citar o caso relatado por Aurélio Buarque de Hollanda, amigo que o acompanhou desde os tempos de Alagoas e frequentava junto com o mesmo a José Olympio. O acontecimento é intitulado como *O pouso do morcego* e foi publicado no *Jornal de Notícias*.



Neste caso, Aurélio relata quando certa feita estavam em um café onde se reuniam, esse cenário foi imortalizado por Graciliano Ramos na obra *Angustia*. Neste dia um morcego, que ninguém sabia de onde havia surgido, pousou nos ombros do escritor alagoano com uma neutralidade que só pertencia as aves, em seguida todos caíram em sorrisos.

Percebamos que como era corriqueira a reunião desses intelectuais, o que geralmente ocorriam outros casos que os levavam a relatar e mais tarde publicar em periódicos. Vamos encontrar outros nomes também nesses tais casos como, por exemplo, José Lins do Rego, Jorge Amado, Pedro Mota Lima, General Lobo, Nise da Silveira, Eneida de Moraes, Beatriz Bandeira, Rubens Braga, Paulo Rónai, Otto, Maria Carpeaux, Renard Perez, Antônio Callado, Heloisa Ramos, James Amado e Luiza Ramos Amado, filha de Graciliano.

Por fim, ao lermos o livro *Conversas: Graciliano Ramos*, teremos várias sensações, como estarmos ligados de forma umbilical a vida deste escritor, vivenciando sua trajetória através dos depoimentos contidos na obra. Como também poderemos nos sentir, sentados em uma das mesas da livraria José Olympio, junto com o escritor e incorporando um jornalista em busca de um bate-papo, de uma troca de conversa, de uma sabatina ou simplesmente de uma entrevista com tal personalidade da literatura brasileira, criando, assim, um diálogo com alguém que mesmo com aversão a conversas, se fazia ouvir em seus numerosos trabalhos lidos pelas próximas gerações.